



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA

KAREM RAFAELA ROCHA RIBEIRO

***LOS NIÑOS WARAO - O LÚDICO E A SOCIALIZAÇÃO NA ESCOLA E NA
COMUNIDADE: uma etnografia junto a indígenas venezuelanos na Escola Municipal
Prof. Pedro Demo e na Comunidade Prosperidade em Outeiro, Belém-PA***

BELÉM-PA
2022

KAREM RAFAELA ROCHA RIBEIRO

***LOS NIÑOS WARAO - O LÚDICO E A SOCIALIZAÇÃO NA ESCOLA E NA
COMUNIDADE: uma etnografia junto a indígenas venezuelanos na Escola Municipal
Prof. Pedro Demo e na Comunidade Prosperidade em Outeiro, Belém-PA***

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Educação Física, do Instituto de Ciências de Educação, da Universidade Federal do Pará, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Educação Física.

Orientadora: Prof^ª. Dr.^ª Lucília da Silva Matos

BELÉM-PA
2022

KAREM RAFAELA ROCHA RIBEIRO

***LOS NIÑOS WARAO - O LÚDICO E A SOCIALIZAÇÃO NA ESCOLA E NA
COMUNIDADE: uma etnografia junto a indígenas venezuelanos na Escola Municipal
Prof. Pedro Demo e na Comunidade Prosperidade em Outeiro, Belém-PA***

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Educação Física, do Instituto de Ciências de Educação, da Universidade Federal do Pará, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Educação Física.

Data da aprovação: ____/____/____

Conceito: _____

BANCA EXAMINADORA

Professora Orientadora: Prof.^a Dr.^a Lucília da Silva Matos (ICED/UFPA)

Professor Examinador: Prof. Dr. Carlos Nazareno Ferreira Borges (ICED/UFPA)

Professora Examinadora: Prof.^a Dr.^a Maria da Conceição dos Santos Costa (ICED/UFPA)

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar agradeço imensamente ao meu Pai Celestial, pela vida, por todas as experiências até aqui e por sempre estar ao meu lado.

Agradeço à minha família que nunca deixou de me apoiar em cada caminho que decidi trilhar e que me dá verdadeiro amor e felicidade, especialmente à minha mãe, Ariete Moraes Rocha Ribeiro e à meu pai, Augusto Nogueira Ribeiro, que sempre foram meus melhores professores, me incentivando a realizar todos os desejos justos do meu coração, são os melhores exemplos que eu poderia ter, meus grandes amigos e excelentes educadores. Grata à minha irmã Karina, por ser uma amiga fiel e sempre estar disposta a ouvir as muitas histórias que tenho pra contar e me ajudar com seus talentos em minhas diferentes ideias, à minha irmã Kássia por me proporcionar momentos de brincar cheios de alegria e por me impulsionar a ser um bom exemplo. À minha avó Maria Dolores da Silva Moraes, que cuidou de mim com tanto amor e bondade desde a infância e durante todo o tempo da graduação, em que morei em sua casa. Gratidão por tudo, os amo muito.

Agradeço a cada docente da Faculdade de Educação Física da UFPA, com quem tive o privilégio de aprender, especialmente à Prof^ª. Dr^ª. Lucília da Silva Matos, que apesar de não termos tido tanto contato, foi importante no início de minha graduação ao exercer a docência com amor, humanidade e alegria, se tornou um grande exemplo para mim e fez toda a diferença na reta final, ao me apoiar e me orientar com sincero zelo e amabilidade.

Agradeço aos colegas e amigos da turma 216, com quem pude aprender e vivenciar minhas primeiras aventuras acadêmicas e aos colegas e amigos da turma 218 que me acolheram e ajudaram em tempos difíceis de pandemia, quando regressei à universidade.

Agradezco al pueblo indígena warao de la Comunidad Prosperidade en la Isla de Outeiro, en especial, a mi querida familia Calderón, aquellos que desde el inicio fueron tan amables conmigo, estaban siempre allí para ayudarme en mis búsquedas y me llamaron maraisa, también estoy tan agradecida a los niños warao que me enseñaron tanto e me hicieron tener el deseo de ser un ser humano mejor. Espero, aunque de una manera pequeña, a través de este trabajo compartir lo que aprendí de ustedes.

RESUMO

Este estudo tem por objetivo compreender como as práticas lúdicas de crianças indígenas venezuelanas da etnia warao influenciam em sua socialização na escola e na comunidade. Para isso, foi realizada uma pesquisa etnográfica na Escola Municipal Prof. Pedro Demo e na Comunidade Warao - Prosperidade, ambas localizadas no Distrito de Outeiro em Belém-Pa. Através de relatos de vivências das crianças warao, verificou-se a influência das atividades lúdicas e como elas podem ser uma ferramenta importante ao promover compreensão, respeito e valores dentro das relações sociais que permeiam os processos de socialização no ambiente escolar e na comunidade indígena, reconhecendo a importância do lúdico para a inclusão das crianças no ambiente escolar, como também, para o conhecimento, memória e preservação dos jogos tradicionais warao e da cultura desse povo.

Palavras-chave: Indígenas warao. Lúdico. Socialização. Etnografia.

RESUMEN

Este estudio tiene como objetivo comprender cómo las prácticas lúdicas de los niños indígenas venezolanos de la etnia warao influyen en su socialización en la escuela y en la comunidad. Para ello se realizó una investigación etnográfica en la Escuela Municipal Prof. Pedro Demo y en la Comunidad Warao - Prosperidade, ambas ubicadas en el Distrito de Outeiro en Belém-Pa. A través de relatos de vivencias de los niños Warao, se verificó la influencia de las actividades lúdicas y cómo ellas pueden ser una importante herramienta al promover comprensión, respeto y valores dentro de las relaciones sociales que permean los procesos de socialización en el espacio escolar y en la comunidad indígena, reconociendo la importancia del lúdico para la inclusión de los niños en el espacio escolar, así como, para el conocimiento, la memoria y preservación de los juegos tradicionales warao y de la cultura de este pueblo.

Palabras clave: Indígenas warao. Lúdico. Socialización. Etnografia.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Desenho 01 – Warao - Mãe e filho.....	20
Desenho 02 – Tejere.....	22
Desenho 03 – Jau natokokitane.....	23
Desenho 04 – Jataburu.....	23
Desenho 05 – Najakara.....	24
Desenho 06 – Picha.....	24
Desenho 07 – Fútbolito.....	25
Desenho 08 – Jogo no celular.....	26
Desenho 09 – No Brasil, lembrando da Venezuela.....	28

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ACNUR - Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados

CEIIR - Coordenação de Educação Escolar dos Indígenas, Imigrantes e Refugiados

ECA – Estatuto da Criança e do Adolescente

EMEI - Escola Municipal de Educação Infantil

EMEIF - Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental

PCN - Parâmetros Curriculares Nacionais

SEMEC - Secretaria Municipal de Educação

UEI - Unidade de Educação Infantil

UFPA - Universidade Federal do Pará

UNIFESSPA - Universidade do Sul e Sudeste do Pará

UNICEF - Fundo das Nações Unidas para a Infância

SUMÁRIO

1. Abrindo o Jogo, motivações, experiências e caminhos escolhidos	8
2. Caminhos trilhados na pesquisa ou, de quando me tornei <i>maraisa</i>	13
3. “¿Cómo se llama eso en warao?”: a língua e o jogo	16
4. La cultura del juego warao	18
5. A Socialização na Escola e na Comunidade Prosperidade	29
5.1. Entre o etnocentrismo e a busca pelo respeito sincero da cultura do outro: o processo de socialização dos warao na escola	31
5.2. “Pequeño encuentro” na Comunidade Prosperidade	35
Considerações finais	38
Referências	40

1. Abrindo o jogo: motivações, experiências e caminhos escolhidos

O presente trabalho teve como motivações fatores de caráter pessoal, acadêmico e social. Do lado pessoal, reconheço que desde cedo tenho o interesse pelo desconhecido, o que se juntou à compreensão de que sempre há algo a se descobrir e aprender.

Durante um período de aproximadamente três anos, residi na cidade de Marabá, na região sudeste do Estado do Pará, em razão da atuação de meus pais como professores na Educação Escolar Indígena em comunidades indígenas locais. Neste tempo, pude participar de eventos culturais indígenas como jogos, brincadeiras, rituais e pintura corporal. Ter esse contato com povos indígenas ajudou a expandir minha visão sobre esses povos, especialmente em relação a sua cultura e identidade, e a importância de sua preservação para a humanidade como povos originários desta terra.

No decorrer da graduação, os conhecimentos e vivências que tive como discente do curso de Licenciatura em Educação Física da UFPA estimularam meu interesse pelos conteúdos relacionados à antropologia, principalmente no tocante às contribuições desta área do conhecimento no que concerne as reflexões sobre o conceito de cultura e corpo, pilares da disciplina Estudos Antropológicos em Educação Física.

De acordo com Kofes (1985), o corpo é expressão da cultura, desse modo, cada cultura vai se expressar por meio de diferentes corpos, porque se expressa diferentemente enquanto cultura. Associado a essa reflexão, Daolio afirma que (1995, p. 25), “[...] Não é possível desvincular o homem da cultura.” Segundo o autor:

O corpo é uma síntese da cultura, porque expressa elementos específicos da sociedade da qual faz parte. O homem, através do seu corpo, vai assimilando e se apropriando dos valores, normas e costumes sociais, num processo de inCORPOração (a palavra é significativa). Mais do que um aprendizado intelectual, o indivíduo adquire um conteúdo cultural, que se instala no seu corpo, no conjunto de suas expressões (DAOLIO, 1995, p. 25).

No ano de 2018, recebi o convite para trabalhar de forma voluntária como missionária no Uruguai, país da América do Sul, sendo assim, estive afastada da universidade durante o período de dezenove meses, tempo este em que vivi no referido país, e tive a oportunidade ímpar de conviver com pessoas de diversos países, inclusive venezuelanos, e o privilégio de aprender a língua espanhola. Pude conhecer diferentes culturas, no que tange a língua, alimentação, religião, costumes, música, vestimenta, dentre outros aspectos.

Ao retornar à Belém, observei nas ruas da capital paraense a presença de grupos de indígenas warao vindos da Venezuela. Posteriormente, na cidade de Marabá, ao participar de

uma ação voluntária tive a oportunidade de ter contato e dialogar com alguns indígenas warao; também pude participar de uma investigação vinculada a uma disciplina acadêmica do curso de jornalismo da UNIFESSPA, em que atuei como intérprete de espanhol em entrevistas com um grupo warao instalado nessa cidade. Essas experiências me impulsionaram a dar início a uma pesquisa sobre o processo de migração desse povo para o Brasil e a chegada deles ao Estado do Pará, sobre as condições e o modo de vida deles, o que veio despertar em mim o desejo de conhecer, estudar e pesquisar os elementos da cultura desse povo.

Segundo Silva e Torelly (2018) foi a partir do final de 2017 que os indígenas warao, oriundos da Venezuela, começaram a migrar para a cidade de Belém. Como motivos para esta migração são apontadas as condições precárias de sobrevivência em seu país, principalmente após a crise político-econômica venezuelana¹.

Para chegar ao Estado do Pará, a maioria dos indígenas warao seguiu um fluxo migratório, passando pelos Estados de Roraima e Amazonas. Pois, de acordo com a pesquisa do Perfil de Indígenas Venezuelanos Warao no Estado do Pará, realizada pelo Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR), no mês de junho de 2020, o Estado do Pará contabilizava a presença de cerca de 1.000 indígenas da etnia warao vindos da Venezuela, vivendo em diversos municípios: Belém, Santarém, Ananindeua, Itaituba, Altamira, Redenção, Marabá, Parauapebas e Óbidos. De acordo com a ACNUR, a respeito da diversidade do povo warao:

Segundo maior grupo indígena da Venezuela com mais de 48.000 pessoas, os Warao ocupam historicamente um vasto território e vivem em pequenas comunidades unidas por rios e igarapés. Embora tenham como denominador comum a língua e o nome da etnia, o grupo é bastante heterogêneo e há diversas formas de “ser Warao”. As diferentes circunstâncias históricas, a intensidade de contato interétnico e as distintas técnicas de subsistência revelam grande diversidade no grupo. (ACNUR, 2020)

Representantes indígenas Warao que fizeram parte da elaboração do Protocolo de Consulta Prévia do Povo Warao em Belém/PA, descrevem seu povo da seguinte maneira:

Somos el segundo mayor pueblo indígena originario de Venezuela. Tenemos nuestra propia lengua, creencias y costumbres. Nuestros ancestros vivieron siempre en armonía con la naturaleza, por eso nuestra historia está profundamente unida a nuestro entorno fluvial donde vivimos tradicionalmente en palafitos en la región del bajo Delta del Rio Orinoco. Allá hay muchos árboles de morichales, de las cuales obtenemos casi todo para nuestro sustento (canoas, féculas, chinchorros, bebidas,

¹A crise na Venezuela se inicia em 2013, quando houve uma grande queda no preço do petróleo, um pilar importante da economia venezuelana e ocorreu um enorme aumento na inflação, desse modo, a crise político-econômica tomou conta do país e desencadeou uma grave crise humanitária, marcada pela falta de empregos, alimentos e medicamentos para o povo venezuelano.

comidas, etc). Somos un pueblo pacífico, hábiles navegadores, pescadores, cazadores, recolectores, artesanos y agricultores. (ALENCAR, 2020, p. 47).²

Na capital paraense, os venezuelanos da etnia warao se encontram em um Espaço de Acolhimento no bairro do Tapanã, administrado pela Prefeitura Municipal de Belém através da Fundação Papa João XXIII (PMB - Funpapa) e vivem nas comunidades: Prosperidade, Beira Mar e Itaiteua, no distrito de Outeiro, Belém-PA.³

Em relação a sua situação como refugiados e a respeito de sua cultura, os indígenas warao relatam:

Nosotros, Warao, que hemos llegado a la ciudad de Belém, venimos principalmente del Estado Delta Amacuro, aunque de distintas comunidades. Nosotros tuvimos que dejar nuestra tierra para sobrevivir, con mucho dolor dejamos atrás nuestro territorio, nuestras casas y parientes. la ayuda esporádica, que a veces nos daban, no garantizaba la autonomía, ni la sobrevivencia de nuestro pueblo y de nuestra cultura (...). No queremos que nuestra lengua y cultura se pierda por el contacto con la ciudad y cultura de los criollos. Queremos aprender, conocer, ser mejores, sin perder nuestra identidad, queremos un futuro mejor. Vamos para adelante!! ¡Kuarika Naruki! es nuestro derecho!!! así como fue para nuestros ancestros!!! (ALENCAR, 2020, p. 47).⁴

Ao considerar tais falas, é importante abordar sobre a relação entre a perpetuação da cultura de povos refugiados, nesse caso, os indígenas venezuelanos warao e a integração deles no local que lhes acolheu, aqui em questão a cidade de Belém do Pará. De acordo com o Instituto Migrações e Direitos Humanos (IMDH),

[...] a integração é entendida como um processo dialógico: o migrante busca conhecer e incorporar as dimensões culturais do país de acolhida, mas não de forma acrítica ou submissa. Tem, assim, a oportunidade de utilizar os recursos que já traz consigo e expandir sua identidade por meio da aquisição de novos conceitos e de uma nova linguagem. Paralelamente, a comunidade receptora também valoriza as contribuições trazidas pelo imigrante, além de buscar entender e respeitar suas condições e cultura (COURY; ROVERY, 2017, p. 105).

² Somos o segundo maior povo indígena oriundo da Venezuela. Nós temos nossa própria língua, crenças e costumes. Nossos ancestrais sempre viveram em harmonia com a natureza, razão pela qual nossa história está profundamente ligada ao ambiente fluvial, onde vivemos tradicionalmente em palafitas, na região do baixo Delta do rio Orinoco. Lá existem muitas palmeiras de buriti (morichales), das quais obtemos quase tudo para o nosso sustento (canoas, amido, redes, cestas, cordas, bebidas, comidas, etc.). Somos um povo pacífico, hábeis navegadores, pescadores, caçadores, coletores, artesãos e agricultores (ALENCAR, 2020, p. 47).

³ Disponível em: <https://www.oliberal.com/para/para-acolhe-mais-de-mil-indigenas-refugiados-e-migrantes-venezuelanos-1.532258>. Acesso em: fev de 2021.

⁴Nós, os Warao, que temos chegado à cidade de Belém, viemos principalmente do Estado do Delta Amacuro, embora de comunidades diferentes. Nós tivemos que deixar nossa terra para sobreviver e com muita dor deixamos para trás nosso território, nossas casas e parentes. A ajuda que, às vezes, nos davam não garantia a autonomia nem a sobrevivência de nosso povo e de nossa cultura (...). Não queremos que nossa língua e cultura se percam no contato com as cidades e com a cultura não indígena. Queremos aprender, conhecer, ser melhores, sem perder nossa identidade, queremos um futuro melhor. Seguir em frente! (Kuarika Naruki!) É o nosso direito! Assim como foi para os nossos ancestrais! (ALENCAR, 2020, p. 47).

No ano de 2021, como forma de garantir os direitos e a dignidade do povo warao e de atender as demandas especificamente na área da educação, a Prefeitura de Belém através da Secretaria Municipal de Educação (SEMEC), criou a Coordenação de Educação Escolar dos Indígenas, Imigrantes e Refugiados (CEIIR), no mês de dezembro de 2021, foram realizadas matrículas de crianças e adolescentes indígenas, imigrantes e refugiados, nas escolas municipais. Segundo a Agência Belém (2022) a rede municipal de ensino atende os indígenas em diversas unidades: Escolas Municipais: Professor Pedro Demo, Helder Fialho, Monsenhor Azevedo, UEI Itaiteua, localizadas no distrito de Outeiro; Escola Municipal Professora Maria Heloísa de Castro, Anexo Amigos Solidários, EMEI Pratinha, localizadas no bairro do Tapanã. Além da EMEIF Ruy da Silveira Brito, no Marco e EMEI Encanto do Saber, na Cremação⁵.

Considerando-se o ambiente escolar como um espaço fundamental de convivência social dos indígenas warao junto à comunidade local, este deve ser um lugar pautado no entendimento e respeito no que se refere à identidade e cultura de ambos, promovendo assim uma sociedade resultante da soma de diferentes indivíduos em interação. (SIMMEL, 2006).

É importante salientar que a cultura de um povo dialoga e tem influência advinda da interação com outros grupos sociais e outras culturas, sendo esse, um dos elementos da cultura lúdica, chamado de processo de “significação”, concernente a reconstrução e atribuição de novos significados e sentidos ao que está estabelecido culturalmente, em determinado contexto sociocultural. (VIGOTSKI, 1995).

Ao envolver diversos aspectos sociais e culturais de determinado grupo, a cultura lúdica é um retrato de uma identidade cultural que possui como características os jogos, brincadeiras, práticas e objetos lúdicos em suas diversidades, que manifestam suas raízes nas características étnicas e sociais de um modo geral. E desse modo, origina modos de produzir, fazer e pensar, dessa forma; o lúdico é considerado como uma atividade humana, um “elemento da cultura”, presente nos processos de construção de identidade e na formação de sujeitos (HUIZINGA, 1993), ligado a isso, a sociabilidade, segundo Simmel (2006), pode ser vista como uma forma autônoma e lúdica de socialização. Dessa maneira, a relação entre a ludicidade e a socialização vem assumir um papel importante na vida de uma pessoa, especialmente na da criança.

⁵Disponível em: <https://agenciabelem.com.br/Noticia/224152/belem-se-une-para-garantir-os-direitos-dos-povos-indigenas>. Acesso em: junho de 2022.

Considerando tais aspectos, vê-se que apesar do surgimento de estudos acerca do povo indígena warao, impulsionados pelo fluxo migratório deles para o Brasil, ainda são poucas as pesquisas que abordam sobre a cultura lúdica desse povo. Por isso, é imprescindível conhecer a cultura lúdica indígena do povo warao, tendo em vista a afirmação de identidade⁶ desse povo, sendo essencial para a tradição, transmissão e valorização de sua cultura; além de poder perceber como as relações que perpassam pela cultura lúdica fazem parte do processo de socialização do povo warao, e dessa forma, ajudar a romper com as barreiras do desconhecido e de uma visão etnocêntrica que muitas vezes ainda se faz presente em nossa sociedade.

Sendo assim, durante a realização da pesquisa tive algumas experiências etnográficas que me levaram às seguintes questões: Qual a importância de preservar a prática dos jogos tradicionais warao? Como as práticas lúdicas podem contribuir para a socialização das crianças warao no ambiente escolar e em sua comunidade?

Com o intuito de construir e compartilhar os conhecimentos sobre a cultura corporal lúdica desse povo, assim como estender a possibilidade de continuidade de pesquisas e projetos na área, a presente pesquisa etnográfica tem como objetivo geral: compreender como as práticas lúdicas de crianças indígenas da etnia warao influenciam no processo de socialização no ambiente escolar e na comunidade. Como objetivos específicos: 1. Descrever, a partir da visão êmica⁷, práticas lúdicas tradicionais dos indígenas warao da Comunidade Prosperidade na Ilha de Outeiro, na cidade de Belém do Pará; 2. Apresentar a cultura lúdica desse povo, seus brinquedos, jogos e brincadeiras, como são realizadas e quais seus significados; 3. Analisar como as práticas da cultura-lúdica podem ajudar na socialização das crianças warao na Escola Municipal Prof. Pedro Demo e na Comunidade Prosperidade.

O trabalho está organizado da seguinte forma: após esta introdução onde apresento, em linhas gerais, o tema, eu trago para o leitor os “Caminhos trilhados na pesquisa, ou de quando me tornei *maraisa*⁸, onde apresento a minha inserção no campo de pesquisa e todo o processo de construção etnográfica; em seguida “¿Cómo se llama eso en warao?”⁹: a língua e o jogo” escrevo uma breve análise da relação língua e jogo como uma relação que possibilita vencer as barreiras linguísticas e ultrapassar as diferenças sócio-culturais; em “La cultura del

⁶ Neste estudo entendemos identidade segundo a acepção de Silva (2000) como: “simplesmente aquilo que se é”. “Podemos dizer que a identidade é uma construção, um efeito, um processo de produção, uma relação, um ato performativo.” (SILVA, 2000, p. 96)

⁷ Visão de dentro do grupo social, a partir da perspectiva do sujeito.

⁸ Significa amiga íntima ou amiga próxima na língua warao.

⁹ “Como se chama isso em warao?” (tradução própria).

juego warao”¹⁰ descrevo os jogos tradicionais warao como uma forma de preservação da cultura lúdica warao; em “A socialização na escola e na comunidade Prosperidade”, analiso o que chamo de “episódios”, trata-se de minhas percepções das relações sociais observadas em campo acerca dos processos de socialização que se configuram em relações algumas vezes conflituosas e etnocêntricas, mas também no reconhecimento da cultura do outro e que tem nesse processo o lúdico como um canal propício para o processo de socialização na escola e na comunidade e por fim, trago minhas percepções a respeito dos assuntos abordados através das “Considerações finais”.

2. Caminhos trilhados na pesquisa ou, de quando me tornei *maraisa*

Foi realizado um estudo etnográfico, buscando-se estudar os aspectos subjetivos presentes nas manifestações da cultura lúdica nas relações sociais dos indígenas warao. A abordagem qualitativa se preocupa, com uma realidade que não pode ser expressa em quantidade, isto é, ela trabalha com um espaço mais profundo das relações, repleto de significações, motivações, aspirações, crenças, valores e atitudes, que não podem ser reduzidos a variáveis. (MINAYO, 2000).

Falando-se sobre a etnografia, segundo Mattos (2011, p. 53), pode ser definida como “[...] o estudo e a descrição dos povos, sua língua, raça, religião, e manifestações materiais de suas atividades [...] é a forma de descrição da cultura material de um determinado povo.” Para Rocha e Eckert:

A prática da pesquisa de campo etnográfica responde, pois a uma demanda científica de produção de dados de conhecimento antropológico a partir de uma inter-relação entre o(a) pesquisador(a) e o(s) sujeito(s) pesquisados que interagem no contexto recorrendo primordialmente as técnicas de pesquisa da observação direta, de conversas informais e formais, as entrevistas não-diretivas, etc. (ROCHA e ECKERT, 2008, p. 1).

Durante a pesquisa, buscou-se: observar, registrar, analisar e correlacionar fatos e características; identificando os diferentes conceitos e significados presentes na cultura lúdica warao, através de suas vivências.

O estudo teve fundamentação teórica para descrever e interpretar a temática estudada. Foi feito um levantamento bibliográfico e leituras de referências, a partir de pesquisas na plataforma do Google Acadêmico, para tanto, realizei a busca através da palavra chave: warao e fui direcionada a artigos, teses, monografias e revistas.

¹⁰ A cultura do jogo warao (tradução própria).

Inicialmente planejei realizar a pesquisa de campo em um abrigo para refugiados venezuelanos indígenas warao localizado na cidade de Belém, onde estive por vezes em busca de autorização para estar junto aos warao, porém encontrei empecilhos e burocracias, que demandaram tempo e me fizeram buscar outros meios para que pudesse ingressar á campo.

Felizmente, pude contar com a ajuda de servidoras da Coordenação de Educação Escolar dos Indígenas, Imigrantes e Refugiados - CEIIR da SEMEC e da Escola Municipal Prof. Pedro Demo que me abriram caminhos e apoiaram minha pesquisa para que pudesse ingressar em uma das escolas municipais que atendiam crianças da etnia warao. Primeiramente, tive uma reunião com a coordenadora da CEIIR, e posteriormente uma reunião com a Diretora da Escola Municipal Prof. Pedro Demo, com o intuito de apresentar o projeto de pesquisa, de modo que fossem avaliadas as condições de execução, buscando a autorização e orientações acerca das crianças, da escola e da comunidade em que vivem, para que assim a pesquisa pudesse ser iniciada.

A partir de minhas visitas à Escola Municipal Prof. Pedro Demo, que ocorriam nos dias de terça-feira com o intuito de acompanhar as aulas de educação física, comecei a ter contato com as crianças warao, e logo tive acesso e pude chegar à Comunidade Warao - Prosperidade, onde fui muito bem recebida por líderes da comunidade. Durante minha visita inicial tive a oportunidade de apresentar a intenção da pesquisa de campo ao Aidamo, também conhecido como Cacique, quem lidera o grupo warao, e quem desde o início esteve de acordo com a pesquisa e se dispôs a ajudar com o que fosse necessário, inclusive auxiliando para que o grupo indígena estivesse ciente do motivo da minha presença como pesquisadora em sua comunidade e mediando a participação dos warao nas atividades realizadas. Desse modo, foi dado início a pesquisa.

A pesquisa etnográfica teve como principal campo investigativo a Comunidade Prosperidade, local onde vivem famílias indígenas da etnia warao, localizada na Rua da Prosperidade no distrito do Outeiro, em Belém do Pará, assim como a Escola Municipal Prof. Pedro Demo, localizada na Rua do estacionamento da Praia do Amor, Bairro Água Boa, Distrito de Outeiro, Belém-PA.

Como pesquisadora estive presente na comunidade diversas vezes durante os meses de abril, maio e junho em horários variados e tive a oportunidade de partilhar vários momentos com as famílias warao, através da observação participante, que é definida por Queiroz *et al.* (2007) como uma técnica muito utilizada dentro da abordagem qualitativa que consiste na

inserção do pesquisador no interior do grupo observado, a fim de interagir com os sujeitos e partilhar o seu cotidiano para sentir o que significa estar naquela situação.

Geralmente me encontrava na comunidade durante os períodos da manhã e da tarde. Quando as crianças retornavam da escola, normalmente por volta de 10h30, eu acompanhava-as no ônibus escolar para chegar até a comunidade. Como principais sujeitos desta pesquisa, aqueles com quem estive a maior parte do tempo, estão sete crianças warao com idades entre 6 e 12 anos, as quais pude acompanhar na escola, durante as aulas de educação física e na Comunidade Prosperidade. Compartilharei relatos em que algumas delas são as protagonistas, porém não utilizarei seus nomes verdadeiros, buscando manter o anonimato lhes atribui os seguintes nomes fictícios: Daohi, Diana, Enos e Koti.

De acordo com Valadares (2007, p.154) “Uma observação participante não se faz sem um ‘Doc’, intermediário que ‘abre as portas’ e dissipa as dúvidas junto às pessoas da localidade”. Durante o tempo em que estive na comunidade tive um “Doc”, que junto a sua família foram muito importantes no tempo em que estive na Comunidade Prosperidade, seu nome é Oscar Calderón, ele foi de grande ajuda durante as atividades que busquei realizar com as crianças dentro da comunidade, assumindo um papel de mediador; também passou a ser um colaborador da pesquisa, que sempre esteve disposto a partilhar seus conhecimentos sobre como ele próprio diz: “ser warao” e responder minhas várias perguntas. Além de tudo, assim como eles me chamaram: *maraisa*, pessoalmente passei a considerar a ele e sua família como queridos amigos.

Para a realização da etnografia, buscava explicar sobre os objetivos da pesquisa e também a respeito da observação, anotações, fotografias, entrevistas e áudios, quando eram realizados. Foram aplicados Termos de Consentimento Livre Esclarecido, a fim de obter o livre consentimento e autorização dos participantes e/ou responsáveis pelos participantes da pesquisa. Sendo de suma importância prezar pelo respeito às normas éticas da pesquisa e especialmente o respeito pelo indivíduo.

Ao utilizar o diário de campo, fiz anotações daquilo que vi e ouvi durante o tempo partilhado com os warao, este foi um instrumento importante para que pudesse registrar as experiências, relatos e falas enquanto estive no interior da vida social por mim observada. Contendo dados de observações diretas em campo que vieram a conduzir a pesquisa. (ROCHA e ECKERT, 2008). Tive como lugares de observação, a Escola Municipal Prof. Pedro Demo, a Comunidade Warao – Prosperidade e o ônibus escolar que levava as crianças da escola até a comunidade.

Ao estar junto às crianças, percebi que elas gostavam de desenhar, sendo assim algumas vezes utilizei o desenho como um modo de entender um pouco sobre sua realidade, maneira de pensar, vivências e gostos; bem como um meio de comunicação, já que para as crianças algumas vezes se fazia difícil expressar-se através de palavras.

Os desenhos infantis são, portanto, palavras. Ao desenhar, a criança expressa coisa diferente do que sua inteligência ou nível de desenvolvimento mental; uma espécie de projeção da sua própria existência e da dos outros, ou melhor, da maneira pela qual se sente existir, e sente os outros existirem. (PORCHER, 1992, p. 10)

Também foram realizadas entrevistas semiestruturadas, que geralmente apresentavam perguntas abertas. Como aponta Fujisawa (2000), a entrevista semiestruturada permite uma organização flexível e ampliação dos questionamentos, ao passo que as informações são fornecidas pela pessoa entrevistada. O Cacique da Comunidade Prosperidade e Oscar Calderón foram os indígenas warao entrevistados; além disso, eles e eu atuamos como mediadores de uma oficina realizada junto às crianças na Comunidade Warao - Prosperidade, chamada de “tarde de juegos”, onde foram ensinados e vivenciados alguns dos jogos tradicionais warao.

Foi apropriado fazer uso do recurso da gravação de áudio durante a realização de entrevistas, com o intuito de ampliar o poder de registro e captar importantes elementos de comunicação, vistos por meio de pausas de reflexão, dúvidas ou entonação da voz, que aprimoram a compreensão da narrativa (SCHRAIBER, 1995). Além de possibilitar que conseguisse dar a devida atenção aos relatos do entrevistado e posteriormente pudesse transcrevê-los.

3. “¿Cómo se llama eso en warao?”: a língua e o jogo

Enquanto estávamos no ônibus a caminho da comunidade, as crianças warao começaram a fazer perguntas para ver quem sabia falar a língua warao, elas faziam perguntas como: “¿Como se dice água en warao?” (como se diz água em warao?); “¿Como se dice casa en warao?” (como se diz casa em warao?) ou perguntavam: “¿Cómo se llama eso en warao?” (Como isso se chama em warao?) enquanto apontavam ou tocavam na cadeira e até mesmo puxavam o cabelo do outro. Em resposta, alguns diziam “¡Yo sé!” (Eu sei!) e falavam o nome do que era pedido utilizando a língua warao. Uma das crianças falou que o cabelo se chamava “pelo” na língua warao, as outras rapidamente disseram que estava errado, em uma nova tentativa ele disse “cabelo”, e então uma das meninas falou que também estava errado e disse a ele a palavra cabelo na língua warao.

O relato apresenta o uso de três línguas: espanhol, warao e português, o que com o tempo foi se tornando bem comum durante minha comunicação com os warao. A maioria dos indígenas que vivem na Comunidade Prosperidade utiliza as três línguas, dependendo do contexto em que se encontram. Percebi que entre as crianças a língua que predomina é o espanhol, mas entendem e falam a língua warao entre si algumas vezes e a utilizam mais quando estão junto a seus familiares; também há crianças que falam o “portunhol”, uma mistura de espanhol com português, especialmente quando estão conversando com brasileiros.

Algumas vezes essa mescla entre as diferentes línguas gerava alguns reveses, principalmente enquanto estavam na escola. Na turma do 2º ano do Ensino Fundamental em sala de aula percebi que Enos, aluno warao, teve contato com alguns meninos que estavam sentados na fileira a sua frente e assim como na de trás, porém teve dificuldade ao falar com eles, por usar algumas palavras em espanhol e não entender certas palavras que os colegas falavam em português. Em certo momento da aula Ronaldo começou a contar os números em espanhol de 1 à 110 em voz alta, alguns alunos perceberam e apenas olharam para ele, mas um aluno que estava na fileira da frente virou para Ronaldo e corrigiu a pronúncia dos números, dizendo que não era “ciento ocho”, mas que o correto seria “cento e oito”, Ronaldo respondeu dizendo: "eu tô falando espanhol tu no entende" e o colega respondeu rapidamente: "entendo sim!" (Diário de campo, 17/05/2022).

Entre os adultos a língua warao é mais presente, seus diálogos diários são predominantemente em warao, porém com minha presença essa realidade mudava e o espanhol era utilizado para que eu pudesse entender e assim facilitar nossa comunicação, algumas vezes me sentia em um jogo de troca de palavras, pois eles também utilizavam algumas palavras em português, durante nossas conversas em espanhol; outras vezes quando iam enviar uma mensagem para algum brasileiro, quando liam alguma informação ou quando queriam comprar alguma coisa, perguntavam como se dizia determinada palavra em português, assim como eu também, frequentemente, perguntava como se dizia determinada palavra na língua warao e até mesmo em espanhol, na tentativa de que me entendessem melhor.

É interessante notar que nesta brincadeira de perguntas e respostas entre as crianças, envolvendo seus conhecimentos da língua warao revela uma necessidade de afirmação de sua língua nativa. Sendo essencial reconhecer que a língua, a cultura e a identidade estão diretamente conectadas e dialogam entre si, já que através da língua a cultura é estabelecida e propagada, assim como por meio dela se dão os processos de identificação. (COELHO E

MESQUITA, 2013). Dessa forma, a brincadeira realizada também pode ser vista como um meio de afirmar também sua cultura e identidade, dentro de um processo de aprendizagem social. O que pode ser atrelado a concepção de Brougère, de que:

A brincadeira é um processo de relações interindividuais, portanto de cultura [...]. É preciso partir dos elementos que ela vai encontrar em seu ambiente, para se adaptar a suas capacidades. As brincadeiras pressupõem uma aprendizagem social. (BROUGÈRE, 1997, p. 97-98).

Além disso, autores já trataram sobre a importância do lúdico e sua relação com a linguagem. De acordo com Brougère (2001, p. 45), “Brincar é preciso, é por meio dele que as crianças descobrem o mundo, se comunicam e se inserem em um contexto social”. Seguindo este pensamento, o brincar, para Rojas (2007, p.17) “[é] uma linguagem de interação que possibilita descobertas e conhecimentos sobre si mesma, sobre o outro, sobre o mundo que a rodeia”. Segundo Huizinga (1993), a linguagem é decorrente do jogo, um jogo de palavras criado pelo ser humano como uma maneira de definir, distinguir, designar coisas, segundo ele “toda metáfora é jogo de palavras”. Dessa maneira, o jogo pode ser considerado como uma linguagem, pois ele é constituído e realizado por meio dela, não se trata somente de uma linguagem, mas de linguagens no plural, pois é uma atividade que comumente utiliza: gestos, palavras, imagens, sons, sinais, movimentos, entre outros (KNOLL, 2017, p.83).

Portanto, o jogo e a língua estão intrinsecamente ligados, já que o jogo pode ser visto como linguagem e a linguagem pode ser vista como jogo; por meio de seus modos de organização, são capazes de transmitir mensagens, partilhar conhecimentos, de unir pessoas e formar comunidades, ambos podem ser considerados como elementos importantes dentro do processo de socialização e da construção da identidade cultural de uma pessoa.

4. La cultura del juego warao

Ao buscar constantemente dialogar a respeito das práticas lúdicas com os indígenas venezuelanos warao, verifiquei que para se referir tanto a brincadeira, quanto ao jogo, eles utilizam o termo *juego*, acredito que utilizam mais esse termo por conta da similaridade com as palavras, *juguetear* que em espanhol significa brincar e da palavra *juguete* que significa brinquedo, desse modo, o jogo normalmente é entendido como sinônimo de brincadeira e brinquedo.

No entanto, Lima e Aparecida (2012) discorrem sobre a importância de defender as especificidades desses três elementos:

Podemos definir, inicialmente, que a brincadeira configura-se como ação lúdica que possui regras implícitas, as quais são criadas pelos participantes antes ou no decorrer da atividade. Caracteriza-se essencialmente pelo predomínio da imaginação sobre as regras (...). Já o jogo é uma evolução da brincadeira, constituindo uma ação lúdica, mas que exige a existência prévia de regras explícitas que predominam sobre a imaginação. O brinquedo, por sua vez, objeto fomentador da ludicidade, gera as situações lúdicas que se apoiam em valores como, entre outros, a liberdade, a não produtividade e a imprevisibilidade, o processo, a criação, a imaginação e a relação com o contexto sociocultural (...). Constitui, ainda, elemento histórico crivado de valores políticos, econômicos e culturais, os quais se alteram e evoluem acompanhando as mudanças sociais. (LIMA e APARECIDA, 2012, p. 66)

Segundo Lima (2008), os jogos e brincadeiras, de acordo com a Teoria Histórico-Cultural, são atividades lúdicas que possuem graus de complexidade diferentes, porém essas atividades junto aos brinquedos representam elementos culturais capazes de favorecer as relações sociais, e dessa maneira, impulsionam o processo de formação dos sujeitos. Posto isso, a palavra jogo será utilizada aqui para tratar das práticas lúdicas tradicionais do povo warao.

Inicialmente, ao ingressar no ambiente escolar, o qual as crianças warao fazem parte, presenciei uma atividade que foi fundamental dentro do que eu buscava estudar, pois através da observação-participante pude conhecer mais a respeito da cultura dos jogos tradicionais do povo warao e refletir sobre a relação das crianças warao com os jogos tradicionais de seu povo; e já a partir daí consegui enxergar caminhos dentro da pesquisa para poder dar início à mesma.

Participei da oficina de um projeto da UNICEF, junto às crianças warao que estavam reunidas na biblioteca da escola. O tema da oficina foi: direito de brincar. Nas palavras da mediadora do projeto o objetivo ao trazer essa temática, foi o de “ajudar as crianças a lembrarem os jogos warao e a valorizar sua cultura”, ao mesmo tempo o de mudar a ideia proveniente da própria cultura warao, como originariamente povos coletores, de que, desde cedo, as crianças warao devem trabalhar na coleta, que na atual situação sócio-econômica em que vivem significa sair com suas mães para “coletar” dinheiro nas ruas, realidade que segundo o ECA – Estatuto da Criança e do Adolescente, deve ser modificada tendo em vista uma de suas principais diretrizes que é a afirmação de que a criança tem direito ao lazer e ao brincar (Diário de campo, 19/04/2022).

A partir da questão levantada pela mediadora sobre a questão da coleta, acredito ser necessário discorrer a respeito dela, já que é uma atividade que faz parte da realidade das crianças, que são os principais sujeitos desta pesquisa. Além disso, quando estava na comunidade presenciei diversas vezes as mães com as crianças, em suas saídas e chegadas da coleta e da venda de artesanatos. Durante meu trajeto para chegar à comunidade também notava a presença delas nas ruas.



DESENHO 01: Warao - Mãe e filho.

Fonte: Ribeiro. Mai, 2022.

Segundo a antropóloga Júlia Capdeville (2021, p.175),

Por muito tempo, foi comum que as mulheres levassem suas crianças menores para realizar a atividade com elas, o que gerava ainda mais comoção aos doadores, que lhes doavam uma quantidade ainda maior. A atividade, segundo Ana, uma mulher Warao que conheci em Boa Vista, era um trabalho muito penoso, por conta do sol quente e dos perigos de estar na rua. Mas era um trabalho, assim como fazer e vender artesanato, que também fazia na companhia dos filhos menores, por ser ela a responsável pelo cuidado.

Ao compartilhar com conhecidos sobre a pesquisa que estava realizando junto aos indígenas warao, infelizmente ouvi alguns comentários carregados de etnocentrismo a respeito do que muitos erroneamente chamam de “mendigar”, falas que davam a entender que os indígenas venezuelanos estariam pedindo por não desejarem trabalhar.

Porém, por meio das pesquisas de diversos autores (GARCIA CASTRO, 2000; ÁVALOS, 2002; SØRHAUG, 2012; ROSA, 2020), vê-se que esse pensamento é equivocado, já que o ato de pedir é considerado como:

Um exemplo da tentativa de reinventar a tradição para garantir sua forma de viver Warao nos espaços urbanos, foi a resignificação da tradição da “coleta”, baseada na prática da catação de moluscos, ostras, ou mesmo, na “coleta” de frutos, plantas, folhas, raízes e ervas nos biomas típicos de seus habitats que costuma ser realizada por mulheres e crianças no litoral venezuelano, que por sua vez foi transmutada para “coleta” de moedas, nas principais ruas e avenidas do centro urbano belenense. (PAREDES et al., 2019, p. 50-51).

De acordo com o parecer do antropólogo do Ministério Público Federal de Manaus, Pedro Moutinho (2017) a prática da coleta urbana é reconhecida como uma “estratégia adaptativa”, entretanto, não se trata de uma “atividade tradicional”. Desse modo, as mulheres saem com seus filhos não para “mendigar”, mas sim para coletar dinheiro como um meio de

garantir o sustento de suas famílias, como uma forma de trabalhar no ambiente urbano. Por iniciativa própria, as mulheres desempenham o papel de provedoras da família, já que seus maridos não conseguem ingressar no mercado de trabalho. (ACNUR, 2021).

Diante disso, a UNICEF promove este projeto, que integra os programas de educação e de proteção da criança e do adolescente, chamado de “*Súper Panas*”¹¹, que significa “Super Amigos” o qual oferece atividades recreativas, educativas e de apoio psicossocial à crianças e jovens indígenas venezuelanos da etnia warao¹².

Nesta oficina do projeto, realizado com as crianças, um dos mediadores apresentou alguns jogos tradicionais warao através de desenhos e depois incentivou as crianças a desenharem um jogo ou brincadeira warao que eles gostassem. Enquanto as crianças pensavam, o mediador fazia diversas vezes a mesma pergunta: “¿*Qué juego te gusta?*”(Que jogo você gosta?). Percebi que algumas crianças levaram certo tempo para começar a desenhar (...). Houveram vários desenhos de bolas de futebol e de uma pessoa jogando futebol, chamados pelas crianças como *la pelota* (a bola) ou *fútbolito* (futebol). Um grupo de meninas decidiu fazer desenhos de um jogo que elas não sabiam o nome, os mediadores também não sabiam ao certo que jogo era aquele ou sobre a maneira de jogá-lo. E outras crianças pareciam imitar os desenhos que haviam sido apresentados pelo mediador. (Diário de campo, 19/04/2022).

Ao ver que algumas crianças levavam mais tempo para fazer seus desenhos, considerei que talvez os jogos e brincadeiras apresentados pelo mediador não fossem os que elas realmente praticavam ou gostavam. Conversando com uma mediadora do projeto, ela contou que alguns dos jogos que eles costumam praticar são semelhantes aos que praticamos no Brasil, como o futebol; o que pude perceber pelos desenhos principalmente dos meninos. Ela ressaltou que parte das crianças nasceram no Brasil e aquelas que vieram da Venezuela ainda lembram de alguns jogos da sua cultura.

Após conhecer os jogos tradicionais warao a partir dos conhecimentos aprendidos pelos mediadores do projeto, de outro modo, também pude conhecê-los, mais profundamente, através da observação, diálogos, entrevistas, e vivências lúdicas com os próprios warao durante minha inserção na Comunidade Prosperidade.

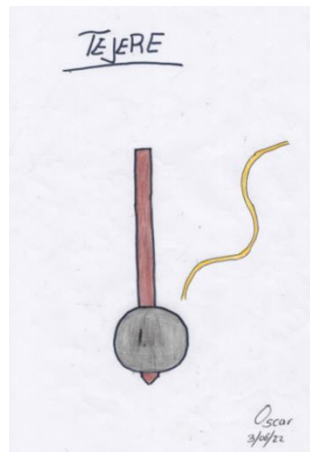
¹¹ A palavra “*panas*” é um termo comumente utilizado na Venezuela pra referir-se a amigos.

¹² Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/comunicados-de-imprensa/resposta-humanitaria-em-belem-contara-com-super-panas-nos-abrigos>. Acesso em abril de 2022.

Depois de jogar com algumas meninas na área do meio da Comunidade, sentei em frente à casa do cacique e um homem warao chamado Oscar veio e sentou-se próximo, fez algumas perguntas sobre o que eu estava fazendo ali e começamos a conversar, expliquei meu interesse pela cultura de seu povo, suas práticas, jogos, costumes etc., ele então começou a contar sobre como era *jugar* (jogar) quando ele vivia nos campos da Venezuela. (Diário de campo, 26/04/2022). Durante a tarde conversamos e aprendi bastante a respeito de alguns jogos que os warao praticavam em suas comunidades na Venezuela.

Em outra visita, pedi a Oscar que os desenhasse para que pudéssemos usar os desenhos como um instrumento para ensinar as crianças a respeito dos brinquedos e brincadeiras tradicionais durante uma atividade que seria realizada posteriormente na comunidade warao. Oscar fez os desenhos e explicou um pouco mais sobre os jogos, que serão nomeados, respectivamente, em Warao – Espanhol – Português.

Tejere – Trompo – Pião

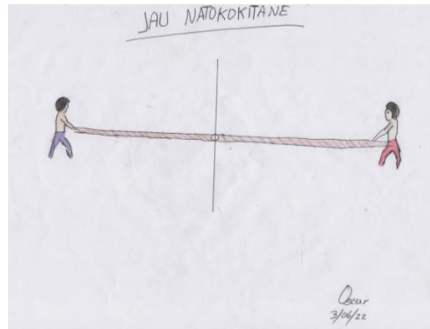


DESENHO 02: Tejere.

Fonte: Acervo da autora. Jun, 2022.

O *tejere* é um brinquedo de madeira, feito com o caroço do buriti e um palito de madeira com uma ponta que atravessa o caroço. Para lançar o *tejere* é preciso enrolar uma corda na parte superior do palito e puxá-la com força e técnica para fazê-lo girar, enquanto o brinquedo gira, produz um som característico. Geralmente o jogo é realizado entre dois jogadores que lançam seus peões dentro de um espaço demarcado para que girem, ganha quem consegue, com seu *tejere*, tirar o *tejere* do oponente do espaço que foi delimitado ou aquele cujo *tejere* ficou girando por mais tempo.

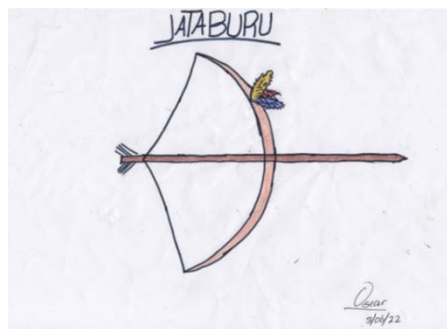
Jau Natokokitane - Jalamecate – Cabo de guerra.



DESENHO 03: Jau natokokitane.
Fonte: Acervo da autora. Jun, 2022.

É um jogo entre dois grupos, posicionados em lados opostos puxando uma corda em uma disputa de força, nas comunidades warao é comum as equipes serem divididas entre homens e mulheres, o objetivo do jogo é puxar o grupo oponente, fazendo com que ele cruze a linha central demarcada.

Jataburu - Arco y flecha - Arco e flecha



DESENHO 04: Jataburu.
Fonte: Acervo da autora. Jun, 2022.

O *jataburu* é um instrumento feito da madeira do buriti, tradicionalmente utilizado pelos indígenas warao na caça de animais. Porém, também é utilizado para o jogo, que tem como objetivo principal, através do uso do arco, acertar a flecha no centro de um alvo posicionado a determinada distância. Aquele que conseguir acertar o centro do alvo ou mais próximo do centro, ganha o jogo.

Najakara - Juego de fuerza – Jogo de força



DESENHO 05: Najakara

Fonte: Acervo da autora. Jun. 2022.

Considerado também como uma luta, *najakara* é um jogo de força em que os competidores se posicionam frente a frente protegidos por escudos feitos com a madeira do buriti. Com um dos pés posicionado a frente, fixado na parte de baixo do escudo, cada competidor, utilizando a força corporal com os braços, empurra seu escudo contra o escudo do oponente, buscando derrubá-lo e assim vencer a disputa.

Picha – Metra – Peteca/Bolinha de gude

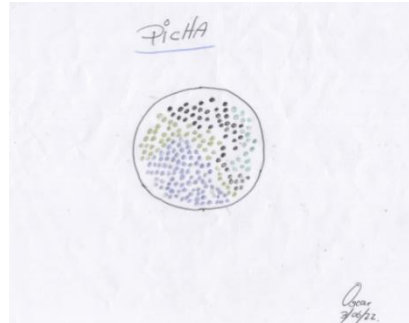


IMAGEM 06: Picha.

Fonte: Acervo da autora. Jun. 2022.

No jogo de peteca/bolinha de gude¹³, a quantidade de jogadores pode variar dependendo do número de crianças. Os jogadores colocam suas petecas dentro de um espaço delimitado no formato de um círculo e se posicionam a certa distância, o jogador deve lançar sua peteca de modo que ela role pelo chão para tocar uma ou mais petecas dos adversários, ao jogar e conseguir empurrar outras petecas para fora do círculo, essas serão suas. O jogo termina quando todas as petecas forem retiradas do círculo e o vencedor é aquele que conseguiu mais petecas.

Além desses jogos o *fútbolito* (futebol) é um jogo muito popular entre os indígenas waraos.

¹³ Assim como este jogo pode ser conhecido por diferentes nomes, dependendo da região, também há variações nas regras e nas formas de jogar.

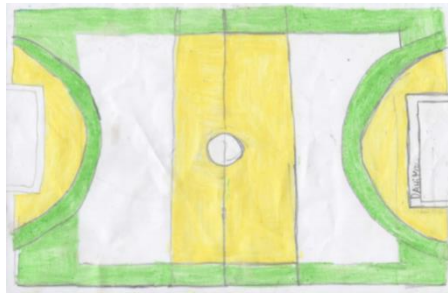


IMAGEM 07: Futebolito.

Fonte: Acervo da autora. Jun, 2022.

Perguntei a Oscar sobre dois outros jogos que foram apresentados a mim por algumas meninas warao, o *matri* e o *crucifijo* (crucifixo). Ele disse que acredita que esses jogos sejam venezuelanos e não tradicionalmente do povo warao, perguntei também a outros indígenas warao a respeito do jogo chamado *matri*¹⁴, que diversas vezes vi as crianças jogando enquanto estava na comunidade e foi um dos primeiros jogos que elas me ensinaram e que jogamos juntas algumas vezes, porém os adultos e jovens não sabiam dizer se era um jogo venezuelano ou brasileiro.

Não saber a origem desse jogo, parece algo irrelevante, porém remete ao que foi citado por Lucena (2021, p.56), “percebemos que ao longo desse tempo em que os warao vivem no Brasil foram criando um processo contínuo de produção e reprodução dos materiais culturais, sem, no entanto, sem perder o seu estoque cultural”.

Ao abordar sobre o caráter dinâmico da cultura, o antropólogo Roque Laraia (1993) explica que há dois tipos de mudança cultural, a mudança interna que provém da dinâmica do próprio sistema cultural de um povo; e a mudança que advém de causas externas, decorrente do contato de um sistema cultural com um outro, causando mudanças dentro de determinada cultura, este segundo tipo de mudança é comumente visto em grande parte da sociedade e é perceptível no sistema cultural do povo warao no Brasil.

Oscar também falou sobre os *morichales*¹⁵, que são uma espécie de palmeiras muito comuns nos campos da Venezuela, segundo ele, dela “*se saca mucha cosa, para hacer*

¹⁴O jogo composto por 4 pessoas. 2 ficam no meio, 1 na ponta direita e 1 na ponta esquerda. 1 jogador que está no meio deve usar uma bola, e terá 3 chances para derrubar uma pequena torre de pedras (feita antes do início do jogo) localizada ao lado de um dos jogadores das pontas; assim que consegue derrubá-la, o jogo começa. Os jogadores das pontas devem acertar a bola nos jogadores do meio, enquanto isso os jogadores do meio devem reconstruir a torre de pedras e desviar-se da bola. Se os jogadores das pontas acertam os dois jogadores do meio, eles vencem; se os jogadores do meio conseguem construir a torre de pedras, são os vencedores.

¹⁵A árvore do Buriti (*Mauritia Flexuosa*) pode alcançar de 20m a 35m, também é chamada pelos povos indígenas de “árvore-da-vida” por ser totalmente aproveitada pelas comunidades. Disponível em: <https://www.agencia.cnptia.embrapa.br/gestor/agroenergia/arvore/CONT000fb123vmz02wx5eo0sawqe3flbr6im.html> - Acesso em abril de 2022

comida, artesanía y juegos.” (se tira muita coisa, para fazer comida, artesanato e jogos). Relatou que seu povo tinha o costume de ir à mata para buscar buriti, mas que aqui no Brasil não podem fazer isso, por conta dos terrenos serem propriedades de outras pessoas. Então, acabam deixando de lado algumas de suas práticas, as quais sentem falta. Ao final de nossa conversa ele disse: *“nosotros no queremos olvidar la costumbre”* (nós não queremos esquecer os costumes). (Diário de campo, 26/04/2022).

Em uma conversa com a mãe de duas crianças warao que frequentam a escola, ela ressaltou a importância de se manter a cultura e os costumes de seu povo, contou que até seus 12 anos de idade vivia na selva Venezuelana e colhia elementos da natureza como: galhos, folhas e sementes e com eles começava a brincar. Também comentou que agora, parte da cultura está sendo deixada de lado e até mesmo não é conhecida pelas crianças que hoje vivem outra realidade. (Diário de campo, 21/05/2022).



DESENHO 08: Jogo no celular.
Fonte: Acervo da autora, jun 2022.

Como exemplo dessa nova realidade vivida pelas crianças warao, em uma das atividades para desenhar, um dos meninos fez este desenho e disse que esse era um dos jogos que ele mais gostava. O que é uma evidência da mudança dentro das práticas lúdicas da nova geração, em que os jogos eletrônicos acabam por ocupar o espaço que antes pertencia aos jogos tradicionais.

Varotto e Silva (2004) afirmam que a indústria cultural causa mudanças na cultura lúdica das crianças, os brinquedos industrializados tomam lugar dentro universo infantil e direcionam as brincadeiras e a forma da criança se relacionar com o mundo. Segundo os autores, tendo em conta a importância dos jogos e brincadeiras tradicionais na vida das crianças, os pais e a escola têm um papel importante no sentido de garantir a preservação dessas manifestações da cultura lúdica.

Dessa maneira, quando a mãe warao ou os adultos indígenas warao relatam que as brincadeiras e jogos tradicionais já não estão presentes na comunidade, também deve levar-se em consideração se realmente as crianças warao têm oportunidades e possibilidades de conhecer e vivenciar os jogos e brincadeiras tradicionais de seu povo.

Portanto, o fato de reviver os jogos tradicionais não se trata apenas de querer voltar ao passado, mas sim de reconhecer suas raízes e poder entender melhor o presente. Assim, o ato de ensinar e realizar os jogos tradicionais são meios de transmitir às crianças as tradições, valores e características de sua cultura, essas manifestações são provenientes da cultura popular que segundo Kishimoto (1993), assumem como características o anonimato, a tradicionalidade, a transmissão oral, a conservação e a mudança. E nessa perspectiva, possibilita a afirmação, a sobrevivência da cultura e a constituição de formas de convivência.

“Entonces hay otra cultura que es la cultura de los juegos, que hay varios tipos de cultura de juego que es najakara, el trompo, jalarme cate, y todo eso pues, el arco y flecha, eso es nuestra cultura que nosotros de verdad que nosotros utilizaba, en Venezuela. Y bueno, creo que es muy importante el seguir recordando para que no olvide esa cultura, estando acá pero siempre pendiente la cultura de nosotros.”¹⁶
(CALDERÓN, 2022)

O desejo de preservar os aspectos de sua cultura se fez presente várias vezes enquanto conversava com adultos indígenas warao, nesta fala em específico vê-se a preocupação de não esquecer a cultura presente nos jogos tradicionais praticados pelos warao.



IMAGEM 08: No Brasil, lembrando da Venezuela

Fonte: Acervo da autora. Jun, 2022.

Para o antropólogo Marcel Mauss (1974) é essencial considerar que cada povo possui suas próprias práticas habituais, que variam de acordo com cada sociedade, tendo a influência de elementos sociais, biológicos e psicológicos, e que para entender a razão de determinado gesto realizado por um indivíduo, faz-se necessário conhecer as tradições transmitidas a ele. O

¹⁶ “Então há outra cultura que é a cultura dos jogos, que há vários tipos de cultura de jogo que é najakara, o pião, cabo de guerra, e tudo isso, o arco e flecha, isso é nossa cultura que a gente de verdade que a gente utilizava, na Venezuela. E bom, acredito que é muito importante seguir recordando para que não se esqueça essa cultura, estando aqui, mas sempre pendente da nossa cultura.” (CALDERÓN, 2022, tradução própria)

autor denominou as práticas mencionadas anteriormente, como técnicas corporais e declarou que estas devem ter um caráter tradicional e eficaz, afirmando que: “não há técnica e tampouco transmissão se não há tradição. É nisso que o homem, sobretudo se distingue dos animais: pela transmissão de suas técnicas e muito provavelmente por sua transmissão oral” (MAUSS, 1974, p. 217).

Entendendo a necessidade de preservar a cultura dos jogos tradicionais warao, conversei com o Cacique e com Oscar para que organizássemos uma “tarde de juegos” (tarde de jogos) envolvendo as crianças warao. Eles falaram um pouco mais sobre o brinquedo do *tejere* (pião) e sobre o arco e flecha, disseram que se conseguissem os materiais poderiam fazê-los para que fosse realizada a atividade na comunidade, relataram que é difícil ocorrer a prática desses jogos agora que estão no Brasil, destacaram novamente que não possuíam os materiais nativos que tinham em seu país, porém que poderiam encontrar maneiras de adaptar. (Diário de campo 17/05/2022).

Me dispus a ajudá-los com um arco e flecha e na busca do fruto do buriti, para que pudessem fazer os *tejerés* (piões). Consegui a doação de um arco e flecha indígena que foi enviado do Sudeste do Pará e fui ao Mercado do Ver-o-Peso em busca do fruto do buriti, no entanto, vários vendedores disseram que ainda não era o tempo de produção do fruto e, quando consegui encontrar não estavam em bom estado para consumo, mas as sementes poderiam ser aproveitadas.

Levei as sementes do buriti para Oscar que junto ao Cacique, relataram que as *pepas* (caroços) do fruto buriti da Venezuela eram maiores, expliquei sobre a dificuldade pra encontrar já que não estava no tempo de produção, eles entenderam e conseguiram utilizar alguns dos caroços para construir os *tejerés* (piões), acharam interessante o arco e flecha, que apesar de não ser feito com *los morichales* (árvores de buriti) iria ser de grande ajuda para poder ensinar as crianças. Ainda que faltassem os materiais nativos, esses foram os meios que encontramos de adaptá-los para poder realizar a atividade cultural, levando isso em consideração, entende-se que

A reconfiguração de sua cultura, não significa se submeter-se a subalternização, mas a capacidade de transgredir as fronteiras culturais sem para isso tenha que abrir mão de suas práticas tradicionais, mas de incorporar novas práticas em nome de uma identidade transterritoriais, que pode ser de caráter transitório, para poder sobreviver em terras estrangeiras. (PAREDES *et al.*, 2019, p. 61-62)

O fato de transgredir fronteiras ao aceitar que novos elementos façam parte dos seus jogos, é uma expressão da dinamicidade cultural, pois já que a cultura é um resultado das interações sociais, cada cultura sempre está em contínua mudança, o que não é diferente para

a cultura venezuelana indígena warao; assim, os processos de socialização dos warao estão diretamente ligados a cultura desse povo, e vice-versa.

5. A Socialização na Escola e na Comunidade Prosperidade

Desde o início da vida, o ser humano está inserido em uma comunidade que possui determinados aspectos culturais, formas de perceber a realidade e de se relacionar com o outro. A partir do convívio e da interação com esse meio social, ocorre um processo de aprendizagem dessa cultura.

Segundo Simmel (2006), a sociedade é formada através da interação entre os indivíduos, e tal interação emerge a partir de certos impulsos ou da busca de algumas finalidades. De acordo com a teoria deste autor, os interesses objetivos, impulsos religiosos, objetivos de defesa, ataque, jogo, conquista, ajuda, erotismo, doutrinação e dentre outros inúmeros aspectos que fazem com que o ser humano entre, com os outros, em uma relação de convívio. E dessa maneira o indivíduo exerce efeito sobre outros, assim como sofre efeitos por parte deles.

A socialização, de acordo com o autor e sociólogo britânico Anthony Giddens (2001, p. 28) “deve ser vista, então, como um processo vitalício em que o comportamento humano é configurado de forma contínua por interações sociais, permitindo que os indivíduos desenvolvam o seu potencial, aprendam e se ajustem”.

Assim, ao longo do processo de socialização de uma pessoa, ela interage com diferentes ambientes e grupos sociais, o autor especifica duas etapas desse processo, com diferentes agências de socialização, sendo elas: a socialização primária que acontece durante a infância, vista como o momento mais intenso de aprendizagem cultural, durante essa etapa o principal agente de socialização vem ser a família e, a socialização secundária que se dá desde um período mais tardio da infância até a fase adulta; neste tempo, a escola, os grupos de pares, as instituições, os meios de comunicação e ocasionalmente o local de trabalho, se tornam outros agentes da socialização do sujeito. (GIDDENS, 2001).

Também é importante ter em conta que, apesar do processo de socialização iniciar no período da infância, ele não encontra seu fim na fase adulta, pois o indivíduo segue a interagir e conviver com diferentes pessoas e a ter diversas experiências no decurso da vida.

Tendo isso em vista, procurei analisar de que maneira os jogos e brincadeiras poderiam influir no processo de socialização das crianças warao, dentro do espaço escolar que frequentam e da comunidade em que vivem. Destarte, para tratar da socialização em

determinado meio, faz-se necessário conhecer sobre o lugar do qual se fala, para isso, a partir do meu olhar, mediado por conhecimentos antropológicos, descrevo um pouco da realidade desses locais, primeiramente abordarei sobre a Comunidade Warao.

A Comunidade Prosperidade ganhou esse nome por estar situada em uma rua, cujo nome é Prosperidade, localizada no bairro Água Cristalina, no distrito de Outeiro, também conhecido como Ilha de Outeiro; nesta rua de terra, com mato nas laterais, e bastante lama quando chove, se encontra uma vila de casas alugadas, cada uma delas no valor de R\$200,00. A maioria das casas tem um compartimento e um banheiro, segundo os indígenas warao, as condições de saneamento são precárias e o pagamento do aluguel não dá direito a manutenção para os problemas físicos encontrados nas residências.

As condições de pobreza e de vulnerabilidade social são visíveis e, geralmente, isso é ressaltado pelas pessoas de fora da comunidade e pela mídia. Porém quero destacar aqui, não somente condições físicas ou um significado de comunidade¹⁷, somente como um local onde vive um conjunto de pessoas, mas sim a realidade de uma comunidade que pode ser expressa como um grupo de pessoas que convivem em um mesmo lugar, que pertencem ao mesmo grupo social e que compartilham da mesma cultura e história.

Ao entrar na comunidade, ainda como uma desconhecida, sob um olhar de desconfiança dos indígenas warao, comecei a entender seu modo de viver em comunidade. Frequentemente os warao estão do lado de fora, na frente de suas casas, é interessante que a vila tem um formato retangular, o que comparei com o formato de algumas aldeias indígenas, esse formato possibilita que uma família possa ver o que a outra está fazendo e se comunicar facilmente. É comum ver as crianças se reunindo rapidamente no pátio aberto para iniciar suas brincadeiras, mesmo pátio em que as mulheres utilizando tijolos, grelhas improvisadas, panelas bem usadas e carvão, fazem suas comidas típicas, como as arepas¹⁸ venezuelanas e os homens geralmente estão conversando, limpando ou ajudando a lavar as roupas. (Diário de Campo 17/05/2022).

Quando estava na comunidade o tempo parecia passar tão rápido, ao brincar e dialogar com as crianças, conversar com os pais, aprender a cozinhar com as mulheres, provar suas comidas típicas ou apenas observar as situações do dia-a-dia das famílias. Pude vivenciar e compreender que dessa maneira, tal como afirmam Rocha e Eckert (2008), a prática etnográfica se torna mais profunda e se constitui como uma forma de pesquisar na vida social

¹⁷ Disponível em: <https://www.dicio.com.br/comunidade/>. Acesso em: junho de 2022.

¹⁸ Prato típico venezuelano, uma espécie de pão/bolo feito com farinha de milho, água e sal. As mulheres warao também fazem usando farinha de trigo, as arepas podem ser fritas ou assadas.

de determinada comunidade, valores éticos e morais, códigos de emoções, intenções e motivações.

Em relação ao ambiente escolar, a Escola Municipal Prof. Pedro Demo, está localizada na Rua do Estacionamento da Praia do Amor, Bairro Água Boa, no Distrito de Outeiro, Belém-PA. Apresenta uma ótima estrutura física, passou por uma revitalização há cerca de dois anos. A escola de ensino regular atende alunos da Educação Infantil e do Ensino Fundamental I. A escola possui mais de 1.000 alunos matriculados¹⁹, dentre eles 35 são indígenas venezuelanos da etnia warao. Embora haja esse quantitativo de alunos warao matriculados, há muitos que não vão à escola e a frequência das crianças que vão é um desafio, um ônibus escolar responsável por levar e trazer as crianças das comunidades Prosperidade e Beira-Mar para a escola.

De acordo com Giddens (2001, p.27), “A socialização é o processo através do qual as crianças, ou outros novos membros da sociedade, aprendem o modo de vida da sociedade em que vivem”. Para Simmel (2006) as relações dentro do processo de socialização não se dão somente em harmonia, assim como há convergências, também existem divergências, a própria construção e afirmação das identidades se dá na diferença. Desse modo os seguintes subtópicos apresentarão relatos e percepções acerca dos processos de socialização na escola e na comunidade.

5.1. Entre o etnocentrismo e a busca pelo respeito sincero da cultura do outro: o processo de socialização dos warao na escola

Para retratar o espaço escolar que as crianças warao frequentam, a partir de minhas observações durante o tempo em que estive na escola, trago pontos importantes para que se entenda o contexto desse ambiente escolar.

A escola não possui professores bilíngues, nem intérpretes da língua espanhola, tampouco da língua warao, a vista disso, apesar de haver um projeto da SEMEC visando a contratação de educadores de língua nativa, até o momento todos os professores da escola são brasileiros, percebi que essa é uma das principais barreiras dentro da escola - a língua, já que para a maioria das crianças a língua predominante é o espanhol e para outras é a língua warao. Os professores e funcionários têm bastante dificuldade para entender o que as crianças falam e as crianças diversas vezes não dão atenção às aulas ou orientações por não entenderem o que está sendo dito.

¹⁹Disponível em: <https://novo.qedu.org.br/escola/15159450-emeif-prof-pedro-demo>. Acesso em: junho de 2022.

Ao estar no espaço escolar, tive a oportunidade de acompanhar sete crianças indígenas warao que fazem parte da Comunidade Prosperidade, e pude enxergar um pouco de como é a relação dos alunos venezuelanos warao com os alunos e servidores brasileiros. Nas primeiras visitas à escola observei algo em comum durante a hora do recreio, as crianças warao brincavam entre si, não consegui observar nenhuma delas brincando com crianças brasileiras, percebi que elas comem, conversam e brincam somente entre elas. Através de narrativas, busco partilhar algumas de minhas percepções enquanto estive na escola, primeiramente através de três episódios reveladores de ações conflituosas envolvendo as crianças warao e de três episódios que buscam mostrar a compreensão, o respeito e a inclusão no espaço escolar.

Episódio 1

Conversando com uma das meninas, chamada Diana, perguntei se ela gostava de ir para escola e respondeu: “*más o menos*” (mais ou menos), depois perguntei se ela gostava de brincar com outras crianças na escola e ela disse que só com as amigas, apontando para frente (onde estavam outras meninas warao), então perguntei por que ela não brincava com as outras crianças da escola, ela falou: “eles brigam com *nosotros*” (eles brigam com a gente), a partir dessa pequena conversa confirmei o que havia observado no recreio da escola sobre a separação das crianças indígenas das demais crianças. (Diário de Campo, 26/04/2022).

Episódio 2

Durante a aula também percebi que dois alunos bem ativos na turma estavam rindo e apontando para um menino e uma menina, alunos warao (...) as crianças warao levantavam a cabeça rapidamente para olhar para os garotos que riam e logo baixavam a cabeça. (Diário de Campo, 17/05/2022).

Episódio 3

Chega um dos funcionários da escola, abre a porta da sala e pergunta:

- Essa aluna é daqui?

Algumas das meninas da sala exclamaram:

- É!

Ele segurando pelo braço a menina warao que se jogava no chão, diz a ela em voz alta, com um tom de intolerância:

- Tu tava me enganando, né!? (no contexto de que ela havia dado a entender que não fazia parte da turma)

O professor não estava na sala, então ele olhou pra mim e com o tom de voz mais baixo, disse:

- Ela tava se escondendo ali.

Soltou o braço da menina, a deixou na entrada da sala e foi embora.

(Diário de Campo, 17/05/2022).

Infelizmente, esses relatos estão repletos de etnocentrismo que, para Meneses (1999, p. 19), “é um preconceito que cada sociedade ou cada cultura produz, ao mesmo tempo que procura incutir em seus membros normas e valores peculiares. Se sua maneira de ser e de proceder é a certa, então as outras estão erradas”. Assim, para o autor o etnocentrismo se faz presente no ato de julgar a outros povos e culturas pelos padrões da própria sociedade, padrões que servem como um parâmetro para medir até que ponto os costumes do outro são corretos e humanos; aqueles que falam, se comportam ou se vestem de formas diferentes, são considerados esquisitos ou ridículos, e desse modo, são rejeitados. Dessa maneira, as experiências vivenciadas pelas crianças indígenas warao no ambiente escolar deixam em evidência um comportamento etnocêntrico tanto por parte de alguns adultos, quanto por parte de algumas crianças que, como abordado anteriormente, reproduzem, não sem, de alguma forma, ressignificarem, o que aprendem socialmente.

No campo afetivo a presença do etnocentrismo é expressa por sentimentos de estranheza, medo, hostilidade entre outros; de modo que o grupo do “outro” acaba sendo visto como engraçado, absurdo, anormal ou incompreensível (ROCHA, 1998, p. 5). Dessa forma, as situações narradas são um reflexo da visão etnocêntrica de que as diferenças culturais fazem com que o “eu” seja considerado como melhor do que o “outro”, revelam assim a falta de alteridade, e a necessidade de colocar-se no lugar do outro.

De acordo com os PCN para o Ensino Fundamental (BRASIL, 1997) “é fundamental que o aluno se sinta valorizado e acolhido em todos os momentos de sua escolaridade”. Sendo assim, a educação inclusiva não é simplesmente matricular a criança na escola, como constituído pela lei, e esperar que ele se adapte à escola, esse é um modelo de integração.

Embora estejam na escola, as crianças warao por vezes são excluídas de alguma forma, seja por não compreenderem o idioma, ou por não serem entendidas, pela forma como são tratadas por algumas pessoas, por serem rejeitadas pelos colegas que não brincam com eles, ou por outras razões; o que prejudica a socialização e conseqüentemente a inclusão dessas crianças no ambiente escolar. Mais que uma questão pedagógica a socialização e inclusão das crianças indígenas é uma questão política, diante dos processos de exclusão que esses sujeitos enfrentam no ambiente escolar e na sociedade, para que haja uma verdadeira

inclusão escolar, a SEMEC junto a comunidade escolar precisam fornecer meios para que esse aluno seja incluído e permaneça na escola que é seu lugar de direito.

Episódio 4

O transporte que levava as crianças warao para a comunidade demorou a chegar, a coordenadora, muito atenciosa, veio dizer que enquanto uma van estava a caminho as crianças podiam lanchar antes de irem, eles não entenderam o que ela quis dizer com “lanchar”, pensavam que já poderiam ir para casa, então eu disse “vamos comer” e uma das meninas entendeu, depois eu disse *najoro* (comida) e os meninos pequenos entenderam. Fomos ao pátio do refeitório e a expressão de cansados por conta da demora foi substituída pela felicidade de poder comer, sentamos à mesa eu também comi junto com as crianças, eles repetiram a comida algumas vezes, acredito que se não tivéssemos que ir embora eles iriam continuar comendo e a alegre servidora do refeitório vendo como eles comiam, iria seguir lhes dando mais comida, apesar deles terem pressa ao pedir diversas vezes por mais, ela agia com compreensão, gentileza e bondade com as crianças (Diário de Campo, 24/05/2022).

Episódio 5

O motorista do ônibus escolar teve que ir buscar duas crianças dentro da escola e pediu que eu olhasse as crianças que já estavam no ônibus. Um dos meninos sentou na cadeira do motorista, começou a brincar e a fazer de conta que estava dirigindo enquanto os meninos menores estavam ao redor dele, fiquei um pouco preocupada por eles estarem mexendo no volante e nos botões do ônibus, disse para não mexerem e que deveriam sair logo, pois o motorista já estava voltando; quando o motorista chegou, o garoto disse: “Esse motorista não sabe nada!”, pensei que o motorista iria ficar chateado, mas para minha surpresa ele e as crianças sorriram e o menino cordialmente deu o lugar para o motorista do ônibus. Algumas crianças falavam em espanhol, fazendo perguntas para o motorista, e ele dizia que apesar de não entender parte do que elas falavam, sempre tentava responder; ele pareceu ser bem atencioso e as crianças demonstram gostar dele (Diário de Campo 19/04/2022).

Episódio 6

A aula era sobre a brincadeira cantada escravos de Jó, o professor decidiu separar as crianças em grupos, pediu que elas usassem seus lápis e as ensinava a brincar de “escravos de Jó”, as orientando a seguir o ritmo da canção e a passarem o lápis que tinham em mãos para o colega ao lado. Busquei ajudar formando outros grupos para que outras crianças que não estavam participando também pudessem vivenciar a brincadeira, chamei algumas crianças que se aproximaram animadas para aprender, depois de ter jogado e ensinado a um primeiro

grupo, chamei a Doahi para brincar com um segundo grupo. Apesar de não entender a explicação dada em português, ela rapidamente conseguiu aprender e seguir o ritmo da brincadeira cantada, foi um dos poucos momentos em que vi a interação dela com as crianças de sua turma, quando um de seus colegas do grupo errava a ordem de passar o lápis para o lado, ela sorria e o jogo pareceu ficar mais divertido para todos. (Diário de Campo, 24/05/2022)

Opondo-se ao etnocentrismo, o relativismo cultural considera os distintos comportamentos do outro, tão dignos como outros quaisquer; recusa-se a interferir ou modificar costumes e tradições de um povo; enxerga o que é diferente, tão humano quanto ele próprio. Não busca ensinar um povo a “ser gente” (MENESES, 1999), tal como fez a gentil servidora, mas procura compreender sua realidade; ou como o motorista que trata de responder às crianças, apesar de não dominar o idioma delas, assim como ocorreu nas interações entre as crianças em que ao jogar, as diferenças foram transpostas pelo prazer de jogar.

Considerando que o ato de brincar e/ou jogar fazem parte da essência do ser humano, “a ludicidade constitui um traço fundamental das culturas infantis. Brincar não é exclusivo das crianças, é próprio do homem e uma das suas atividades sociais mais significativas” (SARMENTO, 2003). Dessa maneira, essas narrativas mostram a importância da cultura lúdica, não apenas para o processo de socialização no ambiente escolar, mas como ela é essencial dentro das relações humanas, sendo uma ferramenta capaz de ajudar na inclusão e na busca pelo respeito sincero pela cultura do outro.

5.2. “Pequeño encuentro”²⁰ na Comunidade Prosperidade

A respeito da sobrevivência de um povo e de sua cultura, Nikic (1986) destaca que a cultura lúdica pode ligar gerações, pois tem a capacidade de transmitir de modo espontâneo os valores de um povo, por meio de elementos da tradição lúdica que são importantes para sua continuidade e identidade cultural e, conseqüentemente, para sua sobrevivência. “Não se pode escrever uma história dos povos sem uma história do jogo” (KISHIMOTO, 1993, p. 29).

Compreendendo a cultura lúdica como um conjunto de costumes, tradições e rotinas lúdicas preservadas ou ressignificadas, que influem no modo com que determinado grupo pensa, age e se expressa (NIKIC, 1986); este tópico abordará sobre um *pequeño encuentro*,

²⁰ Pequeno encontro (tradução própria).

em que houve a realização de jogos tradicionais na Comunidade Prosperidade, onde viu-se os importantes elementos da cultura lúdica e aspectos significativos no processo de socialização nesta comunidade warao.

Finalmente conseguimos realizar nossa tarde de jogos tradicionais warao. Houveram algumas dificuldades, ao buscar organizar as atividades e principalmente as crianças, mas ao fim foi uma experiência ímpar. Vivenciamos os jogos: *tejere*, *picha*, *jau natokokitane* e *jataburu* (pião, peteca, cabo de guerra e arco e flecha) e, como não tínhamos os troncos de buriti, apenas ouvimos a respeito do jogo da *najakara*. Oscar, o cacique e eu, fomos os mediadores das atividades junto às crianças warao.

A primeira brincadeira vivenciada foi o *tejere*, conhecido como pião. Fiquei surpresa ao ver que os jovens e adultos estavam mais interessados em brincar do que as próprias crianças, pois haviam adultos entusiasmados perguntando aos outros que estavam sentados na frente de suas casas: “lembra disso?”, apontando para o brinquedo. Oscar contou que a maioria das crianças nunca havia brincado com *tejere*, já os adultos e alguns dos jovens que viveram mais tempo nas comunidades da Venezuela sim sabiam como fazer o pião “*bailar*” (girar), mas que já fazia tempo não brincavam.

Inicialmente, as crianças não queriam brincar, apenas observavam os mais velhos, algumas disseram que era chato, por não saberem a técnica para fazer o *tejere* girar, outros pareciam estar acanhados e com vergonha de tentar jogar e acabar errando.

Y bueno, estamos acá en Brasil buscando mejoras para la familia y aquí verdad que muchos niños han crecido, han nacido aquí, no tienen conocimiento de verdad lo que se utilizaba allí en Venezuela, en verdad que aquella vez tuvo un pequeño encuentro entre... tejere, muchos no conocían, muchos le hacía difícil y no comprendían ese juego y creo que es muy interesante de realizar ese tipo de actividad para que también ellos vean y empiecen a realizar esse ejercicio voluntariamente ellos también, y saber participar muy importante, porque el juego en verdad es muy importante (...).²¹ (CALDERÓN, 2022)

Então as incentivei a experimentar e se não conseguissem estaria tudo bem, eu mesma tentei várias vezes e não consegui, pedi que Oscar pudesse ajudar as crianças demonstrando e auxiliando de perto aquelas que finalmente aceitaram participar, percebi em algumas delas o olhar de quem está descobrindo algo novo, em outras via a vergonha de errar indo embora, dando lugar para a insistência de poder aprender. Um dos meninos, chamado Koti, conseguiu

²¹ E bom, estamos aqui no Brasil buscando melhoras para a família e aqui, na verdade que muitas crianças tem crescido, tem nascido aqui, não tem conhecimento de verdade do que se utilizava ali na Venezuela, na verdade que aquela vez teve um pequeno encontro entre... tejere, muitos não conheciam, para muitos era difícil e não compreendiam esse jogo e acredito que é muito interessante de realizar esse tipo de atividade para que também eles vejam e comecem a realizar esse exercício voluntariamente eles também, e saber participar é muito importante, porque o jogo na verdade é muito importante (...). (CALDERÓN, 2022, tradução própria)

fazer o *tejere* rodar várias vezes e também começou a ensinar a mim e às outras crianças. Foi um momento de aprendizado e socialização tanto entre elas mesmas, quanto com os mais velhos, assim como foi uma oportunidade dos adultos de recordarem do prazer que é brincar.

Durante o jogo do cabo de guerra várias pessoas da comunidade estavam torcendo, as crianças mesmo se dividiram em uma equipe de meninas e outra equipe de meninos, Oscar era o mediador do jogo, a primeira partida quem venceu foram as meninas, elas se abraçaram e comemoraram com alegria. Adultos que assistiam se aproximaram, alguns davam dicas e incentivavam a equipe dos meninos para que ganhassem a segunda partida, percebi algumas pessoas chamando outras para assistir ao jogo, pessoas com o celular na mão para gravar a competição. Foi uma diversão não só para as crianças, mas para as famílias; acredito que foi o momento mais emocionante e de maior participação da nossa tarde de jogos.

Algo que chamou minha atenção, foi a participação de um menino brasileiro, durante a tarde de jogos, ele era um vizinho que ao ver que os jogos estavam acontecendo se aproximou e me perguntou se podia participar e disse que sim. Em alguns momentos ele parecia mais interessado em ouvir e aprender sobre os jogos do que as próprias crianças warao. Ele vivenciou todos os jogos junto às crianças warao, fez perguntas, mostrava interesse e entusiasmo ao aprender alguns dos jogos que para ele eram desconhecidos, durante a prática do *tejere* vi Koti tentando ensinar algumas técnicas para ele e durante a vivência do arco e flecha, mesmo não sabendo muito bem como posicionar o arco, ele se aproximou para ajudar a Koti (Diário de Campo, 04/06/2022).

Ao falar sobre o nosso pequeno encontro, na tarde de jogos, Oscar mostrou-se contente e sugeriu que a cultura dos jogos tradicionais poderia ser compartilhada com os brasileiros, através de atividades como a que foi realizada na comunidade.

*Puede que haiga un encuentro extranjeros, nosotros Venezolanos waraos y brasileiros también pueden, quizás un día podemos reencontrarnos y realizar ese tipo de cultura.*²² (CALDERÓN, 2022)

Vi que a tarde de jogos tradicionais warao, realizada na comunidade, foi um momento importante para a socialização entre os adultos, aqueles que possuem um conhecimento maior da cultura dos jogos tradicionais warao, e as crianças, que estão conhecendo os elementos culturais de sua comunidade. Além disso, ao participar da atividade, alguns dos indígenas warao jovens, adultos e mais velhos puderam recordar com alegria das práticas que

²² Pode ser que haja um encontro, estrangeiros, nós venezuelanos waraos e brasileiros também podem, talvez um dia podemos nos reencontrar e realizar esse tipo de cultura. (CALDERÓN, 2022, tradução própria)

realizavam em suas comunidades na Venezuela, vi como um momento nostálgico e ao mesmo tempo prazeroso para eles (Diário de Campo, 04/06/2022).

Por fim, dentro do processo de socialização na comunidade, também gostaria de compartilhar alguns de meus pensamentos registrados após participar da comemoração do Dia das Mães junto às famílias da comunidade:

No caminho de volta pra casa, me dei conta de que tive a oportunidade de ver e sentir que o trabalho em equipe, as brincadeiras, a música, a dança e o ritual fizeram com que aquele momento fosse especial dentro do processo de dar e receber, envolvendo o respeito, a amizade e gratidão de dois lados e duas culturas diferentes, unidos em celebração (Diário de Campo, 08/05/2022).

Acredito que os elementos lúdicos como: a brincadeira, o jogo, a música, a dança, dentre outros, são importantes para a formação do indivíduo como ser social, pois colaboram para o desenvolvimento pessoal, afetivo social e cultural de cada pessoa.

Considero que esse momento de comemoração foi muito importante para a minha relação com os warao, e que, assim como outros, me proporcionou lembranças significativas de valor afetivo, pois mais que uma pesquisadora a partir dali me senti como uma amiga desse povo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em vista o que foi apresentado, é primordial conhecer a cultura lúdica warao, apresentada em parte nesta pesquisa através da descrição de jogos tradicionais praticados pelos povos indígenas das comunidades warao da Venezuela, compartilhados por indígenas warao da Comunidade Prosperidade, como uma forma de relembrar e preservar as práticas desse povo que atualmente vive no Brasil.

Sendo assim, é importante que as famílias da comunidade warao busquem oportunidades de possibilitar o aprendizado e as vivências dos jogos e brincadeiras tradicionais entre as crianças, como uma forma de transmitir a elas a cultura e as características do povo indígena warao. E dessa maneira, ajudar na afirmação e sobrevivência da identidade de seu povo.

Compreendendo-se o jogo como uma linguagem universal, as experiências compartilhadas neste trabalho foram significativas no intuito de reconhecer o lúdico como uma vivência que possibilita vencer as barreiras linguísticas e ultrapassar as diferenças sócio-culturais, como uma forma de linguagem, tão antiga quanto a língua nativa de um povo, capaz

de unir pessoas, preservar costumes, tradições e transmitir valores. Manifestando-se, assim, a importância da cultura lúdica, para os processos de socialização no ambiente escolar e na comunidade.

À vista disso, deve-se considerar a brincadeira e o jogo, como elementos que fazem parte da construção do ser humano, capaz de transgredir fronteiras e mostrar o caráter dinâmico da cultura, que se dá através das diversas interações sociais. Além disso, percebe-se que as práticas lúdicas são atividades capazes de proporcionar felicidade e prazer para aqueles que as vivenciam, sendo importantes para o desenvolvimento não só social, mas também emocional, físico e cognitivo das pessoas como sujeitos sociais.

Dessa maneira, a ludicidade pode ser vista como uma ferramenta para sobrepujar conflitos e promover a socialização e a inclusão das crianças warao no espaço escolar, pois é durante o jogo e a brincadeira, que em meio a diversidade, todos fazem parte de um todo, independente das diferenças sociais, étnicas, culturais ou econômicas, o mais importante é estar junto ao outro em um momento em que a cooperação, a competição, a criatividade, o aprendizado e o respeito se fazem presentes.

Ademais, é imprescindível que haja respostas político-pedagógicas da parte do governo do município em conjunto com a SEMEC, visando a inclusão e a permanência dos alunos warao no espaço educacional e social que é o ambiente escolar. É fundamental que esses alunos possam sentir-se incluídos ao participar das atividades que são realizadas na escola e para que isso ocorra, há aspectos que precisam ser levados em consideração, como a questão da implementação de uma educação bilíngue e intercultural, como meios de superar as dificuldades linguísticas e culturais, sendo importante que haja um acompanhamento pedagógico contínuo com os alunos warao e professores, que sejam realizadas capacitações de professores e servidores que atuam no ambiente escolar onde estão presentes as crianças warao, primando por uma educação inclusiva e de qualidade.

Além disso, há desafios a serem superados como o preconceito e o etnocentrismo; contudo, o lúdico vem a ser um elemento importante que pode ser de grande ajuda para sobrepujar esses desafios. Para isso, faz-se necessário que a comunidade escolar veja a escola como um espaço privilegiado para as relações sociais, reconheça a importância do brincar para a formação dos sujeitos, leve em consideração as dificuldades das crianças e utilize as práticas lúdicas, ao organizar e planejar o processo educativo. Sendo necessário que os profissionais que trabalham na área da educação possam incentivar e mediar as atividades lúdicas dentro e fora da sala de aula, buscando fomentar a cultura lúdica no espaço escolar,

atentando para que haja interação entre as crianças, dessa maneira, colaborando para o processo de socialização delas nesse espaço. Entendendo-se que a cultura lúdica está paralelamente ligada à construção social, ela é indispensável não apenas na educação escolar, porém também na educação que transpassa os muros da escola.

Antes de tudo, precisamos ver o povo indígena venezuelano warao mais além daqueles que estendem as mãos para pedir ajuda, e sim como aqueles que nos oferecem as mãos cheias de diversidade, cultura e aprendizado. Temos a necessidade de reconhecer e valorizar o lúdico como integrante essencial, capaz de ajudar na inclusão e no respeito sincero pela cultura e sociedade do outro, dentro do processo de “dar e receber” que é o viver em sociedade.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, J. C. P. M. **Protocolo de consulta prévia do Povo Warao em Belém/PA.** (Org.). – Belém: EDUEPA, 2020. 67 p.

ACNUR. **Perfil de Indígenas Venezuelanos Warao no Estado do Pará**, julho de 2020. Disponível em: <https://www.acnur.org/portugues/wp-content/uploads/2020/07/ACNUR-Brasil-Perfil-de-Ind%C3%ADgenas-Venezuelanos-Warao-no-Estado-do-Par%C3%A1-Julho-2020-FINAL-1.pdf>. Acessado em: 08 de Fev de 2021.

ACNUR. **Relatório de Atividades da população indígena**, junho de 2020. Disponível em: <https://www.acnur.org/portugues/2020/06/03/relatorio-do-acnur-revela-que-maioriadosindigenas-venezuelanos-registrados-no-brasil-sao-solicitantes-de-refugio/>. Acessado em: 08 de Fev de 2021.

ÁVALOS, J. **Derechos y cultura indígena: Guayana siglo XXI.** Exploración sobre el caso del Pueblo Warao. Universidad Católica Andrés Bello-Guayana, 2002.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporte. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais de educação física.** Brasília, 1997.

BROUGÉRE, G. **Brinquedo e cultura.** São Paulo: Cortez, 1997.

BROUGÉRE, G. **Brinquedo e Cultura.** Trad. Gisela Wajskop. 4 ed. São Paulo, Cortez, 2001.

CAPDEVILLE, J. **Llegar, estar y salir: da Venezuela ao Brasil.** 2021. 225 f. Dissertação (mestrado em Antropologia Social) – Instituto de Ciências Sociais, Universidade de Brasília (UnB), Brasília, 2021.

COELHO, L. P.; MESQUITA, D. P. C. Língua, cultura e identidade: conceitos intrínsecos e interdependentes. **Entre Letras**, v. 4, n. 1, 2013

COURY, P.; ROVERY, J. O idioma como facilitador do processo de integração de refugiados e imigrantes: a experiência do instituto migrações e direitos humanos (IMDH), Brasília: Instituto Migrações e Direitos Humanos. **Cadernos de Debates**, vol. 12, 2017.

DAOLIO, J. **Da cultura do corpo**. Campinas: Papirus, 1995.

FUJISAWA, D. S. **Utilização de jogos e brincadeiras como recurso no atendimento fisioterapêutico de criança**: implicações na formação do fisioterapeuta. 2000. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2000.

GARCÍA-CASTRO, A. **Mendicidad indígena**: los Warao urbanos. Boletín Antropológico, 48, Mérida, p. 79-90, 2000.

GIDDENS, A. **Sociologia**. 6ª ed. Tradução de Alexandra Figueiredo Ana Patrícia Duarte Baltazar Catarina Lorga da Silva Patrícia Matos Vasco Gil. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2008.

HUIZINGA, J. **Homo ludens**: o jogo como elemento da cultura. 4.ed. São Paulo: Perspectiva, 1993.

KISHIMOTO, T. M. **Jogos tradicionais infantis**: o jogo, a criança e a educação. Petrópolis, RJ: Vozes, 1993.

KNOLL, G. F. O jogo como agir de linguagem: da ludicidade à construção de valores sociais. **Nonada: Letras em Revista**, n. 28, vol. 1. Maio de 2017. pp. 77-92.

KOFES, S. E sobre o corpo, não é o próprio corpo que fala? Ou o discurso desse corpo sobre o qual se fala. In BRUHNS, H.T.(org.). **Conversando sobre o corpo**. Campinas, Papirus, 1985.

LARAIA, R. B. **Cultura: um conceito antropológico**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1993.

LIMA, J. M. **O jogo como recurso pedagógico no contexto educacional**. São Paulo: Cultura acadêmica: Universidade Estadual Paulista, 2008.

LIMA, J. M.; APARECIDA, L. BRINQUEDO: ELEMENTO CULTURAL E PROMOTOR DE HUMANIZAÇÃO. **Teoria e Prática da Educação**, v. 14, n. 1, p. 65-78, 2 jan. 2012.

LUCENA, J. B. **Estamos chegando amigo**: um estudo de caso sobre mobilidade, solidariedade e fluxos culturais por um grupo indígena Warao em João Pessoa. Orientadora: Maria Torres. 2021. TCC (Graduação) – Curso de Ciências Sociais, Departamento de Ciências Sociais, Universidade Federal da Paraíba, 2021.

MATTOS, C. L. G. **A abordagem etnográfica na investigação científica**. In: MATTOS, C. L. G.; CASTRO, P. A. (orgs.). **Etnografia e educação: conceitos e usos**. Campina Grande: EDUEPB, 2011. p. 49-83.

- MAUSS, M. As técnicas corporais. In: _____. **Sociologia e Antropologia**. Trad. Mauro W. B. de Almeida. São Paulo, EPU/EDUSP, 1974.
- MENESES, P. Etnocentrismo e relativismo cultural: algumas reflexões. In: **Revista Symposium**, v. 3, Número Especial. Recife: Unicap, 1999.
- MINAYO, M. C. S. **Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social**. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (org). Pesquisa social: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 2000.
- MOUTINHO, P. **Parecer técnico Nº 10/2017 – SP/MANAUS/SEAP**. Ministério Público Federal (MPF), 2017.
- NIKIC, J. **Traditional Games in the Kindergarten**. In: IVIC, I.; MARJANOVIC, A. (Eds.). Traditional games and children of today. Belgrade: OMEP, 1986. p. 133-137.
- PAREDES, J. D. N. *et al.* Educação escolar indígena Warao: práticas e desafios de uma pedagogia decolonial na Amazônia paraense. **Caderno 4 campos**. Nº 2, 2019, p. 49-71.
- PORCHER, L.. **Educação artística: luxo ou necessidade?** 5. ed. São Paulo: Summus, 1992.
- QUEIROZ, D. T. *et al.* Observação participante na pesquisa qualitativa: conceitos e aplicações na área da saúde. **Revista Enfermagem UERJ**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 2, p. 276-283, 2007.
- ROCHA, A. L. C. D.; ECKERT, C. Etnografia: saberes e práticas. In: GUAZZELLI, C. A.; PINTO, C. R. **Ciências Humanas: pesquisa e método**. Porto Alegre: Editora da Universidade, 2008.
- ROCHA, E. P. G. **O que é etnocentrismo?**. Col. Primeiros Passos. 5. Ed. São Paulo: Brasiliense, 1988, p. 5.
- ROJAS, J. **Jogos, brinquedos e brincadeiras: a linguagem lúdica formativa na cultura da criança**. Campo Grande: UFMS, 2007.
- ROSA, M. **A mobilidade Warao no Brasil e os modos de gestão de uma população em trânsito: reflexões a partir das experiências de Manaus-AM e de Belém-PA**. 322 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social — Museu Nacional/UFRJ. Rio de Janeiro: MN/UFRJ, 2020.
- SARMENTO, M. J. **As culturas da infância nas encruzilhadas da 2ª modernidade**. Braga: Instituto de Estudos da Criança, Universidade do Minho, 2003. (texto digitado).
- SCHRAIBER, L. B. Pesquisa qualitativa em saúde: reflexões metodológicas do relato oral e produção de narrativas em estudo sobre a profissão médica. **Revista de Saúde Pública**, São Paulo, v. 29, n. 1, p. 63-74, 1995.

SILVA, S.; TORELLY, M. (orgs.). **Diagnóstico e avaliação da migração indígena da Venezuela para Manaus, Amazonas/**. – Brasília: Organização Internacional para as Migrações (OIM), Agência das Nações Unidas para as Migrações, 2018.

SILVA, T. T. (org.) **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000. 133 p.

SIMMEL, G. A sociabilidade. Exemplo de sociologia pura ou formal. In: _____. **Questões fundamentais da sociologia: sujeito e sociedade**. Tradução de Pedro Caldas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

SØRHAUG, C. **Holding House in Crazy Waters: An exploration of householding practices among the Warao, Orinoco Delta, Venezuela**. Tese (Doutorado em Antropologia) – Faculdade de Ciências Sociais, Universidade de Oslo: Oslo, 2012, 334p.

VALADARES, L. “Os dez mandamentos da observação participante” (Resenha de FOOTE-WHYTE, William. *Sociedade de Esquina: a estrutura social de uma área urbana pobre e degradada*). **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 22, n. 63: 153-155, 2007.

VAROTTO, M. A. SILVA, M. R. Brinquedo e indústria cultural: sentidos e significados atribuídos pelas crianças. In: **Motrivivência**. Ano XVI n. 23, p. 169-190, 2004.

VIGOTSKI, L. S. **Obras Escogidas**, Tomo III. Madrid: Editora Visor, 1995.